

**Max Diniz Cruzeiro**

**Psicodrama Baseado nos estudos da Doutora Daniela Prieto e Marcelo Tavares (Método de clonagem de ideias principais com transcrição poética das apreensões lúdicas)**

Em Toulouse França Napoleônica, 19 de Junho de 1815 rumores de que Bonaparte perdera a batalha Waterloo fez com que a nação francesa se consternasse, os processos mentais dos indivíduos a confabular aspectos de sua integridade e autoestima levaram muitos a encontrarem uma resposta sobre a carta do enforcado. Muitos assim preferiram tirar suas vidas e fugir do novo destino selado para a França por não encontrar mais aderência a sua percepção mental de pensamento em relação ao novo contexto exigido para a civilização francesa.

Se tais pessoas tivessem compreendido a natureza de seu sofrimento, jamais teriam procurado o refúgio sobre a carta do enforcado. O sofrimento delas foi superior à entonação de uma música orquestrada que fora regada ao som de um violino.

A diversidade de fatores em interação de vidas amedrontadas e sem horizonte e uma complexa multideterminação de elementos cognitivos e na relação direta da perda do objeto de amor na identificação da pátria-símbolo foi decisivo para que a carta do enforcado fosse amplamente disseminada na sociedade em Toulouse. Mas era muito mais que isto: eram vidas que deixaram de sonhar e desejos que deixaram de ser realizados.

Mas como seria possível que fatores psíquicos de impulso no sentido da estagnação da vida pela procura da morte afetar tanto os indivíduos em Toulouse? Será que o auxílio de uma libido desiludida, na forma de uma paixão e orgulho cessados pela crise de ausência de Estado que não encontra mais subterfúgio para ancorar as ideias fosse o ponto de apoio que faltou para que as pessoas flexionassem suas vidas no sentido da pulsação pela vida? Ou o Eu poderia renunciar à sua autopreservação por seus próprios motivos egoístas, na forma de um impulso flexionado pela parte interna do indivíduo que o faz crer que sua vida a partir daquele momento não é mais necessária para si ou para a sociedade.

Nada tão avassalador quanto a paixão, pois o indivíduo enamorado retira o interesse sobre a sua própria pessoa e investe dota sua libido ao objeto pelo qual sua intensificação de paixão lho permite se identificar de forma intensa. Pobres franceses de Toulouse, seus medos cegaram suas faces e sua percepção se viu desviada do seu propósito de continuidade de existência.

Mas como experimentar a reciprocidade deste desejo pátrio se tudo parecia perdido? Se tal identificação fosse ao menos possível ser verificada sobre o ambiente tantas vidas não perderiam sua significação existencial. Por não mais pressentir o vínculo afetivo do amor fraternal da sociedade seria como uma redução do objeto desse amor libidinal. Assim está também na relação dos enamorados cujo objeto é outra pessoa e o amor não correspondido passa a invocar para si uma série de contra desejos libidinais em que o desterro e a prevalência da autopunição empele o indivíduo a fazer sociedade com o enforcado.

 A ruptura da relação de amor representa uma perda de parte de si, já que objeto amoroso perdido estava intensamente investido pelo desejo libidinoso de quem ama e se conecta ao sofrimento, o que deixa sua identidade desinvestida de afeto a si próprio. Então se instala no momento um intenso sofrimento de identificação de si mesmo que envolve o questionamento do que se apreende na noção vaga sobre o seu próprio valor.

Então para quem é fiel a seus valores e princípios recorre ao erro fantasioso de quem ama é capaz de se sacrificar, como quem diz que seria uma forma de recobrar a autoestima perdida. Assim, se não pode mais ter o amor que era seu referente, o destino é a supremacia de si mesmo em face ao desejo de recolocação do elo que fora perdido. Então na jura de amor para consigo mesmo o indivíduo é capaz de procurar o enforcado para dizer a si próprio que aquela paixão não será exterminada de si e que a preferência pela aniquilação de seus princípios está no extermínio daquilo que julga prejudicial a si mesmo na forma do enforcado.

Mero erro de percepção egoica, em que a pessoa é capaz de intensificar o objeto além do limite em que sua externalização do trauma é capaz de nutrir o seu desejo de autopreservação. O que muitos franceses não entenderam que a França ainda existiria, mesmo que Napoleão não fizesse mais parte da realidade francesa, a vida continuaria sob mudança de paradigmas. O mesmo é atribuído aos enamorados, que mesmo na ausência da figura amada a paixão absorvida tem como ser canalizada para a satisfação do desejo libidinal de si mesmo.

A fixação de um ideal de vida a partir do que uma pessoa é capaz de assimilar para si como sendo substancial para sua vida pode ser reformulada a qualquer tempo. Se hoje a vida de Toulouse estava identificada com Napoleão, amanhã o desejo de ressignificação francesa haveria de encontrar novos expoentes para a significação de um novo modelo de vida em que a falha do passado seria prontamente corrigida. Aos enamorados também seguem os mesmos princípios de afetação lógica. O sentido para a vida faz parte de escolhas que o indivíduo tem a todo o instante a possibilidade de reconstrução em sua mente. Mesmo no desterro uma mente que sofre pode encontrar uma razão para fixar um ponto de apoio e gestar uma vida saudável e próspera na retomada do objeto de desejo a partir de outras perspectivas até que novo enamoramento possa resultar em outras formas de relacionamento e/ou afetação.

Este ideal de si mesmo torna-se o substituto do amor próprio perdido na infância e que não pode ser apreendido em função de terceiros ou da formação do próprio julgamento crítico. Portanto se a pessoa em vez de procurar o enforcado passar a se guiar pela realização deste ideal que está ancorado sobre a percepção de continuidade da vida, dificilmente ela irá sobrestimar a força da pulsão que a joga para baixo encontrando uma razão nobre de continuidade para sua existência.

As crianças têm muito que ensinar para os adultos, o amor próprio é formado ainda na fase da infância, a partir dele é que as paixões se intensificam com a progressão etária do indivíduo. Seriam os franceses merecedores de desterro? Aí que entra o cerne deste conflito histórico que também é o mesmo mecanismo sobre os enamorados que parte do princípio que a identificação do enforcado na vida de quem perdeu seu objeto de desejo amoroso é que passou a sentir impotência da realização de seu ideal na satisfação do seu desejo em que o indivíduo não suporta que ele seja reprimido e prefere intensificar a perda como sendo a perda de significação de sua própria vida.

Mero erro de abstração por parte de quem sofre. Não estará o indivíduo se identificando apenas com elementos abstratos fabricados na fantasia da perversão de uma mente que está no momento doente afetada pela perversão da ideia de autocontrole e autopreservação de si mesmo ao intensificar o desterro de si na forma de uma medida de autopunição por não conseguir satisfazer o desejo que não pode mais ser satisfeito?

A fuga de si mesmo não é capaz de eliminar os estímulos provenientes do corpo e nem do psíquico. Na realidade o desvario da mente que pensa em sanar o problema pela busca do enforcado está dando vasão a uma trilha cinematográfica em que a pulsão interna do indivíduo o faz convencer que é a saída mais nobre. Neste momento o indivíduo na realidade não está fazendo sua vontade, mas sim seguindo um sonho que está sendo projetado em sua mente e assim projetando julga que a solução a ser encontrada é fazer parte do enredo sendo o personagem principal. Se ao menos estivesse escutado o violino que toca para celebrar a pulsão de vida tudo seria diferente.

Sim, foi confirmado, Napoleão nos instantes seguintes teve que ir ao desterro. Mas vida dos que compreenderam em Toulouse continuaram mesmo sem Napoleão e a ressignificação fez uma nova nota musical e uma nova ideação para quem resolveu alterar sua forma de ver o mundo.

O objeto de identificação de uma pessoa pode ser tanto parte de si como algo externo a si. Então, uma forma de dar ressignificação para o objeto de amor perdido é voltar-se para dentro de si, e colocar como substancial um elemento de seu corpo onde o desejo recolhido poderá continuar a se expressar até que o movimento de retornar a pulsão ou impulso sobre outro objeto amoroso externo esteja ajustado com a necessidade ambiente deste indivíduo.

O prazer e o desprazer passam a depender das relações entre si mesmo e o algo amado quando a fase de surgimento do amor próprio é superada pelo ser ou sentimento pátrio ao qual se ama. Este relacionamento de dependência que vincula aspectos abstratos entre pessoas, ou destas entre outras coisas é substancial para que uma pessoa possa compreender o grau de envolvimento que possui em relação a um aspecto referente e a partir de suas reflexões chegarem a constatações nobres sobre o grau de envolvimento sensorial em que o indivíduo se permite estabelecer em termos de vínculo com a outra parte.

Será que os franceses de Toulouse se permitiriam viver sem Napoleão? Será que você é tão fixado em seu amor que se permitia viver sem sua presença? O medo de perda sobre você é tão intenso que só a sensação de pensar o inibe de flexionar o pensamento? Se a resposta para esta última pergunta deixou os franceses de Toulouse consternados e/ou enamorados temerosos pela formação da ideia é sinal que você é um sério candidato para se encontrar com o enforcado caso seu destino se convirja para o infortúnio.

Porque falta dosagem sobre a intensificação do pensamento. Você é capaz de se permitir no avanço do outro sobre si mesmo além da sua capacidade de autocontrole de sua vida. Este é o caminho do erro que muitos franceses não perceberam através de seu patriotismo exagerado. Este é o caminho natural para os enamorados que deixaram que a paixão elevasse a priorização da vida além da capacidade de preservar-se a si próprio. Porém nem tudo está perdido, você pode a qualquer momento mudar o rumo de suas apreensões para parar de decidir sobre linhas de pensamento do mesmo eixo, e em vez disto fazer escolhas que permitam verdadeiramente você mudar o rumo de sua vida não ancorada num referente que não é mais possível para sua existência.

Você tem a capacidade de transformar sua tristeza em algo benéfico a todo instante, apenas mudando a percepção através de perspectivas diferentes; você é capaz de redirecionar o eixo de sua externalização, para isto é necessário sair de sua zona de conforto e observar que existem outras coisas nobres que você pode permitir se ocupar e emergir em sua mente; você tem a capacidade de represar o que te faz mal em vez de intensificar o represamento do que te faz bem, para liberar aos poucos porções de descontentamento e ir trabalhando com a noção de perda até que a redução de sua significação e prioridade lhe permita enxergar outras estruturas e modelos de pensamento que são capazes de fortalecer sua vida; e, sobretudo você é capaz de passar por cima de quaisquer obstáculos, para isto deve se identificar com um conteúdo dentro se si mesmo que lhe é favorável a sua felicidade e partir para o mundo ajustando e se identificando com a nova realidade que você é capaz de criar para si.

Muitas vezes a necessidade oculta do sofrimento da autopunição por uma razão de percepção falha em que o indivíduo acredita que não foi capaz de doar mais de si para que o rompimento entre ele e o objeto amoroso não chegasse a acontecer é o ponto de partida em que a mente perversa do indivíduo que sofre o faz convencer de que seu martírio é necessário dentro da linha fantasiosa em que o sonho se projeta no indivíduo quando ele está acordado e crer que a única solução existencial é a busca do enforcado.

Quantos em Toulouse perderam suas vidas por causa da melancolia que se abateu sobre a encantadora França? Se ao menos estivessem ouvido o som do violino?

O luto gerado pelo processo melancólico induz a uma atmosfera de desterro. E este encapsulamento da mente a uma frequência pesada que vê na auto flagelação uma necessidade de perseguir o objetivo de sofrer muito contribui para aproximar vítimas de si mesmo através dos processos doentios e fantasiosos que a mente é capaz de reproduzir e conduzir os indivíduos a uma identificação falha.

Mas esse luto melancólico pode ser superado com o passar do tempo, pois a capacidade de raciocínio humano ao represar elementos nobres, não é capaz de represar o raciocínio produtivo e bom por muito tempo. Permanecer na busca do enforcado é um erro de percepção de quem se convenceu em ser o personagem principal que o processo doentio da mente que é capaz de manipular a ideia de uma pessoa.

Pode parecer que adotar um novo objeto de amor pareça algo impensado quando alguém está em luto melancólico, mas quem consegue flexionar o seu pensamento e se convencer de que é possível ter outra escolha torna-se mais firme em administrar os impulsos depressivos que são jorrados na mente do indivíduo. Quando se está em luto melancólico a realidade é transformada pela linha de sofrimento e as pessoas são capazes de perceber apenas o que é conveniente para este sofrimento. Então por que não trabalhar com outras percepções que esperam também uma porta aberta para que você passe a perceber o ambiente? Por que a intensificação de algo que te faz mal? Por que tentar se privar e se punir a todo instante? Napoleão pode ter representado muito para você, ou seu amor ter significado algo muito puro e bonito que fez você vivenciar valores que já estavam dentro de você, mas que podem continuar a ser despertados sobre uma nova lógica de pensamento com outros atores que você também pode atribuir-lhes uma significação progressiva que permita você novamente enamorar-se.

Se você está inserido em um modelo de pensamento em que as transformações são realizadas de forma gradual procure desligar-se conforme seu condicionamento psíquico das coisas que te causam sofrimento, em vez de utilizar o mesmo mecanismo de afetação para intensificar de forma gradual o seu sofrimento que te levará apenas a aproximação da carta do enforcado.

A ofensa, a negligência e decepção podem parecer motivos que te levem a aproximação do enforcado, mas será que você pode tomar decisões sobre sua própria existência baseado na realização em que tais abstrações podem significar para sua vida? Tais identificações por serem abstratas afastam pessoas da realidade em que sentimentos de amor e ódio andam juntos dando vazão para que o sonho fantasioso da aniquilação de si próprio ganhe vulto e jorre conflito entre sua mente até que você se convença em participar do lirismo do sonho de aniquilação de si mesmo.

Você é capaz de abandonar sua fixação sobre o elo perdido que te faz mal, para isto deve canalizar o desejo inicialmente sobre si mesmo para em seguida quando estiver preparado migrar seu desejo novamente para algo ou alguém que você escolheu para doar o melhor de si. Por isto é necessário na ausência do referencial canalizar novamente o amor próprio para que você saia do estado de manifestação do sofrimento.

O processo de autodestruição de si mesmo não poderá ser a satisfação de seu desejo afeta a sua externalização da sua paixão que está sonambulando em todos os aspectos.

O medo pela perda do referente pode desencadear uma dor insuportável, isto porque você intensificou a importância não do objeto ou indivíduo a quem ama, mas da forma que você foi capaz de alocar a informação do ser que ama dentro de você. Chegar a este contexto é uma irresponsabilidade tremenda para si mesmo, porque você é capaz de perverter a realidade apenas para intensificar o prazer da manipulação sensorial do referente dentro de si mesmo, com o sentido de tentar colocar para dentro de si a coisa que ama para sentir mais próximo dela.

Você não precisa se depreciar para ter a sensação de ser amado. Este procedimento não vinculará informações e alocações sobre sua memória que te tragam grandes apreensões e resultados emocionais positivos. Parte deste movimento dentro de você é uma inconsequência ilógica da imaturidade emocional que a falta de trabalho interno para a melhoria de sua constituição psíquica lhe permite ter uma identificação infantil sobre sua própria vida.

Por que a perda do referente é tão avassaladora capaz de comprometer a integridade psíquica causando sofrimento? Por uma questão da percepção falha da apreensão do indivíduo. As pessoas se deixam levar muito rapidamente pelos estímulos geradores de prazer, se o referente é capaz de gerar cada dia que passa cada vez mais estado de prazer, volúpia e satisfação de desejos, o vício em se buscar e sanar tais coisas é o verdadeiro motivo de fixação. Quando se julga de fato que o referente fora perdido o que ocorre no indivíduo que sofre é a ausência de mimo em que o referente abastecia de conteúdo e estímulos tudo aquilo que o indivíduo preservava a ampliava para si como sensações, apreensões e sentimentos que ele gostaria que fossem despertados dentro de si. Porém quando a referente falta, este abastecimento sensorial fica desguarnecido e o indivíduo viciado nas percepções que o fazem gozar sua libido não encontra mais de onde extrair informações que lho farão permitir se afetar da forma “positiva” que está acostumado.

Pobre dos franceses que perderam suas vidas em Toulouse! Se ao menos tivessem ouvido Michael um humilde servo do Senhor que deixou tudo registrado na forma de livros, suas vidas seriam poupadas e suas glorias viriam com a nova França que surgira. E os enamorados teriam encontrados outros argumentos para se viver.

O estado depressivo é decisivo por aproximar o indivíduo do enforcado. Você pode até raciocinar que estará vingando de alguém ou estar preservando algo que não queria se desfazer, mas na realidade sua recusa em se viver que vai sendo cristalizada em um pensamento ou outro de desterro sem que você se dê conta é na realidade a aproximação de uma fantasia que não deixa você observar a realidade em toda a sua forma projetiva.

O mal e o bem coexistem em múltiplas formas de interação. Não é aniquilando a si próprio que será capaz de ajustar sua essência, estará sim a satisfazer uma vontade mecânico-sistêmica do aparelho biológico cuja decisão de se consumir não representa você de fato, mas um papel que você por fraqueza foi capaz de se identificar.

Portanto, as fantasias subjacentes na busca do enforcado buscam proteger os objetos bons interiorizados ao mesmo tempo em que objetivam aniquilar os objetos maus. Pura ilusão de quem sofre que procura dar mais vazão ao sentimento e pensamento opressor do que se ater a própria realidade.

Uma pessoa não pode estar bem consigo mesma quando a aproximação de pensamentos subversivos de indução ao sofrimento é introduzida na mente do indivíduo de forma rígida, o que amplia o conflito em virtude da pessoa se afetar mais em termos de auto agressividade, o que a faz perceber um nível de intolerância com o ambiente e consigo mesma, em que a marca registrada passa a ser a preocupação e a infelicidade.

Instalar este processo de tensão dentro de si mesmo é uma escolha sua. O conflito interno não pode ser forte o suficiente para se deslocar pelo espaço ambiente. Quando se tem consciência e reflexibilidade alterarem o seu estado mental para se afetar negativamente é um problema do indivíduo, mas geralmente praticamente ninguém tem a consciência suficiente para determinar a que nível de abstrações sua consciência deve ser posicionar, o que corrobora que a busca pelo enforcado é uma falha da concepção psicológica do indivíduo, um estado de afetação que não lhe permita gestar melhor suas ideias.

A superação das adversidades impostas por acontecimentos infelizes, que geram muito sofrimento psíquico, exige um trabalho mental similar ao do luto, de tentativas de sublimação da posição defensiva.

É preciso construir uma imagem positiva de si mesmo que seja muito forte em termos de influências externas. Isto faz com que o indivíduo venha a se distanciar da carta do enforcado.

A percepção desqualificada de si mesmo, a expressão de sentimentos de inferioridade, conflitos da autoimagem, desmerecimento, autoestima baixa, expectativa eleva com baixa aplicação sobre as ações cotidianas, estados depressivos e instabilidade emocional levaram muitos franceses a se identificarem com o enforcado.

Napoleão de fato perdeu a guerra e para que os franceses não ficassem completamente transtornados foi levado para o desterro na ilha de Elba. A identificação com o líder nutriu por muito tempo o estado de luto da nação francesa o que deu tempo aos franceses para se permitirem enamorar por outros aspectos tão nobres do que o Estado Absolutista de Napoleão.

O Enforcado